

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Expectativas e afetamentos: ensinares e aprenderes na primeira
experiência docente

Maynara Santana Gonçalves

Monografia apresentada à
coordenação do curso de Ciências
Biológicas da Universidade Federal
de Uberlândia, para a obtenção do
grau de Bacharel em Ciências
Biológicas.

Uberlândia – MG

Julho – 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Expectativas e afetamentos: ensinar e aprender na primeira
experiência docente

Maynara Santana Gonçalves

Profa. Dra. Daniela Franco Carvalho

Monografia apresentada à
coordenação do curso de Ciências
Biológicas da Universidade Federal
de Uberlândia, para a obtenção do
grau de Bacharel em Ciências
Biológicas.

Uberlândia – MG

Julho – 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Expectativas e afetamentos: ensinares e aprenderes na primeira
experiência docente

Maynara Santana Gonçalves

Profª. Dra. Daniela Franco Carvalho
INBIO

Homologado pela coordenação do
Curso de Ciências Biológicas em

__/__/__

Profª. Dra Celine de Melo

Uberlândia- MG

Julho- 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Expectativas e afetamentos: ensinar e aprender na primeira
experiência docente

Maynara Santana Gonçalves

Aprovado pela Banca Examinadora em: / / Nota: _____

Nome e assinatura do Presidente da Banca Examinadora

Uberlândia, 20 de Julho de 2017

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a quem recorro para fortalecer minhas esperanças e significados: Deus. Agradeço a meus pais amados Maria Claudia Santana e Clebson Silva Gonçalves por sempre terem me proporcionado condições de seguir o estudo acadêmico, por sempre me incentivar a crescer pessoal, espiritual e profissionalmente. Agradeço aos meus queridos irmãos Lucas Santana Gonçalves e Matheus Santana Gonçalves pelo companheirismo, risadas, e por tornarem mais leve minha caminhada. À minha madrinha Jovânia Teixeira Gonçalves por contribuir com várias (des) construções que fazem de mim um ser melhor neste mundo. Ao meu namorado José Costa Da Nobrega Váz por me apoiar, incentivar e estar sempre ao meu lado. A todos aos meus familiares agradeço pela vibração de carinho e torcida.

Aos meus/minhas queridxs amigxs que ao decorrer do curso tornaram meus dias mais alegres: Izadora Ormenezi, Carolina Martins, Julia Oliveira, Sarah Campos, Ana Laura Pereira, Leticia Penariol, Marcella Macedo, Thais Martins, Maika Oliveira, Marco Thulio, Pedro Vitor, Bruna Melo, muito obrigada!

À minha orientadora Daniela Franco Carvalho, minha gratidão por ter me proporcionado momentos de aprendizado, crescimento, reflexão e ajudar a materializar a presente pesquisa. À minha supervisora do PIBID Fátima Dezopa minha gratidão por contribuir ainda mais com meu crescimento pessoal e profissional. À professora membro da Banca Camila Lima Coimbra obrigada pelo carinho com que aceitou somar a este trabalho. Agradeço também a Professora Fernanda Helena Nogueira-Ferreira por contribuir com a produção de dados e a gentileza em ajudar. Obrigada a turma de estágio que permitiu e colaborou em tornar suas experiências meu objeto de pesquisa.

A todos as/os professores que passaram pela minha trajetória, agradeço por tantos conhecimentos, trocas, aprendizados que contribuíram para minha formação docente.

A todos que de certa forma torceram vibraram, contribuíram e apoiaram a chegada deste momento, minha gratidão!

RESUMO

O estágio supervisionado é uma etapa importante no processo de formação inicial de professores (as), é um período esperado pelos licenciandos (as) durante o curso. O presente trabalho buscou por compreender as expectativas e afetamentos de estagiários (as) do curso de Ciências Biológicas que cursavam o estágio supervisionado I frente à primeira experiência docente. A pesquisa feita é qualitativa e usou como métodos de coleta de dados o grupo focal realizado com a turma do estágio e questionário. A pesquisa foi realizada em quatro momentos: o encontro com a professora regente, conversa informal com os (as) estagiários (as) sobre a pesquisa, o grupo focal e aplicação do questionário realizado com a turma de estágio. Os resultados obtidos foram as percepções dos sentimentos e emoções que permeiam os (as) estagiários (as). Percebe-se o quanto o período do estágio é mobilizado por sentimentos, como: medo, ansiedade, incertezas, vontades. Tais emoções muitas vezes não são externadas pelos estagiários no período de formação culminando algumas vezes em traumas para o exercício docente. É importante que os cursos de formação inicial de professores (as) trabalhem a formação docente em sua totalidade, tanto as questões técnicas quanto a questão da personalidade do 'ser' professor (a).

Palavras chaves: Estágio supervisionado. Afetamentos. Docência. Licenciatura.

MINHA TRAJÉTORIA

A paixão por ensinar começou por volta dos meus sete anos quando ganhei dos meus queridos pais um quadro de giz. Com ele todo um cenário era montado, colocava minhas bonecas enfileiradas em cadeiras para simular os alunos, vestia as roupas e sapatos da minha mãe para encenar uma professora severa e rígida diante daqueles seres inanimados e passava o conteúdo que aprendia nas minhas aulas regulares na escola. Fazia do quintal da minha casa um universo escolar e aqueles momentos eram meus preferidos.

No meu primeiro ano da escola tive uma professora que se chama Joelma e apesar de fazer mais de quinze anos que a conheci é impossível esquecê-la. Esta professora foi responsável pela minha alfabetização, por me ensinar a ler e a escrever, descobrir o universo mágico das palavras e como era fascinante ler um livro. E muito além das letras do alfabeto, tia Joelma, como eu a chamava, me ensinou o quão encantador poderia ser a profissão de um docente. Claro que naquela idade eu não poderia refletir em como conduzia suas aulas, o carinho com seus (as) alunos (as), sua dedicação, porém hoje quando resgato estes momentos, percebo o quão importante esta professora foi para minha formação acadêmica e pessoal.

Frequentemente eu era a ajudante de sala, ela me colocava para ajudar meus (minhas) colegas com as atividades, pedia-me para ir à coordenação quando necessário, para recolher os cadernos quando solicitada, enfim, era uma aluna de confiança da professora Joelma. Para um adulto isso pode parecer insignificante, mas para uma criança essas tarefas podem significar muito, eu me sentia valorizada, notada e especial. Foi um ano marcante na minha trajetória acadêmica, guardo essas lembranças com carinho e grande apreço. Quando chegou o final do ano foi difícil lidar com a situação de mudar de escola e não ter por perto aquela figura alegre, carinhosa e protetora da tia Joelma.

Para minha surpresa, no último dia de aula fui presenteada com uma carta da querida professora, e aqui um dos trechos: *“... Maynara foi meu apoio, minha monitora ou melhor, meu braço direito. Conhece o material de todos os colegas e estava sempre entregando e recolhendo cadernos, buscando material, levando e trazendo recados e até tomando leitura dos colegas e ajudando nas atividades diárias. Ela tem interiorizado em si a responsabilidade de cumprir o que é proposto à risca. Vai, resolve e pronto! Que saudades vou sentir de você estrelinha!..”*

Ao longo da minha vida acadêmica fui me apaixonando pelas Ciências, mas nunca havia pensando em ser uma bióloga. No terceiro ano do Ensino Médio então decidi prestar

vestibular para Ciências Biológicas na tão sonhada Universidade Federal de Uberlândia. Fiz meu primeiro vestibular com 17 anos e para minha surpresa e alegria havia sido aprovada.

Deparava-me então em Outubro de 2012 em um universo completamente diferente, cheguei assustada, mas, com boas expectativas de crescimento tanto pessoal quanto profissional. Nesta perspectiva entrei para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no 4º período em 2014, onde permaneci até 2017. Esta experiência foi fundamental para o meu amadurecimento tanto pessoal quanto profissional. Pude compreender a importância de estar cursando Licenciatura e reconhecer o meu potencial para educação.

Tive a comprovação do meu amor por ensinar quando cursei a disciplina de estágio I ministrada pela Profa. Dr. Daniela Franco Carvalho. Encantei-me pela turma que ministrei, pelos estudantes, pela magia do ensinar e aprender. Toda essa rica experiência me fez enxergar a sala de aula além do que os olhos conseguem ver, me fez enxergar como um local de transformação, de mudança, de evolução humana, construção moral, de intervenção no mundo, democracia.

Vivenciei naquele período a minha mais fantástica experiência de toda a graduação, e devido a intensidade com que me fui afetada, decidi tornar pesquisa a experiência do estágio docente. O resultado da pesquisa está materializado nesta monografia, apresentada em forma de artigo que será submetida à revista Olhar de professor¹.

OS AFETAMENTOS QUE ME LEVARAM À BUSCA

A minha motivação para a realização deste estudo foi devido aos afetamentos que vivenciei durante a minha experiência de estágio. O afeto só se dá no relacionar-se. “A gente desliza por entre, se introduz no meio, abraça se ou impõe ritmos.” (DELUZE, 2000).

Na escola, um espaço em que os encontros dos sujeitos se dão no relacionar, as possibilidades de afetamentos são inúmeras. Para Smolka e Góes, (2008, p.9) é através de outros que o sujeito estabelece relações com objetos de conhecimento, ou seja, que a elaboração cognitiva se funda na relação com o outro. E nesta imersão das relações o meu afetar fez-se numa grandeza que me motivou ao estudo sobre.

O meu encantamento tem início na disciplina de estágio de I e se perpetua nas minhas vivências. Minha experiência do estágio está narrada no texto “*As primeiras experiências*

¹ <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/about/submissions#authorGuidelines>

docentes narradas numa perspectiva transformadora” publicado na revista *Laplage*². Diante da minha experiência contada busquei por compreender as expectativas e afetamentos de outros (as) estagiários (as) diante da primeira experiência docente.

Tendo em vista a importância do olhar para o estágio numa perspectiva de possibilidade de engrandecer a formação docente, de encurtar teoria e prática, aproximar com a realidade da sala de aula, das vivências docentes, de busca pela autonomia, este presente trabalho busca investigar quais as expectativas de estagiários (as) durante o estágio supervisionado; como foram afetados (as) ao final do mesmo e compreender tais afetamentos a partir de um encontro em grupo focal e aplicação de questionário.

Turma de estágio supervisionado I realizada em uma escola estadual do Ensino Fundamental na cidade de Uberlândia-MG.



Fonte: Acervo pessoal

ENSINAR É DAR FORMA AO AMOR

A escolha de tornar pesquisa a experiência do estágio supervisionado foi devido a intensidade com que fui afetada, tanto no campo das emoções e sentimentos quanto no afeto³

² ORMENEZI, I; GONCALVES, M.S; CARVALHO, D.F. As primeiras experiências docentes narradas numa perspectiva transformadora. *Laplage*. Sorocaba, vol. 2, n.2, p. 86-100, 2016.

no sentido de devires que transbordam por quem passa por eles, tornando se outro. Para Zourabichvili *devir*⁴ é a medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio.

Despertar algo em outrem não é tarefa fácil porque envolve a complexidade em entender o que faz o “ser” despertar. A experiência docente vivenciada por mim assim se fez despertando-me para o olhar sobre o outro, disposta a “transformar” ou viabilizar que meus alunos (as) desejem serem cidadãos (ãs) honestos (as), pessoas de bem, que manifestem o bem e, sobretudo sejam felizes. Encorajou-me a ser uma agente de transformação, de mudança. Enalteceu o desejo de ser de alguma forma uma interventora no mundo, colaborando para evolução humana e a popularização do conhecimento, tornando-me uma mediadora do mesmo.

Dentro deste contexto Freire (1996, p. 46) contribui com minha percepção sobre o papel do professor como agente transformador da realidade posto que:

(...) O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente.

Assim sendo, este despertar não pode dar-se fora da amorosidade e do afeto para com os sujeitos em aprendizagem. Sujeitos estes que são únicos e trazem consigo suas percepções histórias de vida que precisam ser respeitadas pelo docente. As relações entre aluno (a) e professor (a) são uma constante troca de aprendizado, e ambos são de alguma forma afetados (as) nesta construção conjunta do saber. Maria Bethânia em *Brincar de viver*⁵ descreve bem esse sentimento “*E eu desejo amar todos que eu cruzar pelo meu caminho, como sou feliz, eu quero ver feliz quem andar comigo, vem*”.

Para Rubem Alves (1994, p. 15) educar é um ato de amor, assim sendo ressalta: “lembrem-se de que vocês [educadores] são pastores da alegria, e que a sua responsabilidade primeira é definida por um rosto que lhes faz um pedido: ‘Por favor, me ajude a ser feliz...’”

³ DELEUZE, G. O termo afecto utilizado pelo autor se encontra em abecedário de Gilles Deleuze: entrevista [novembro, 1994]. França: *canal (franco-alemão) de TV Arte*. Entrevista concedida a Claire Parnet, no entanto utilizarei, ao longo do texto, como sinônimo o termo afeto.

⁴ ZOURABICHVILI, F. O vocabulário de Deleuze. Rio de Janeiro, p. 24, 2004.

⁵ Música da compositora Maria Bethânia, do álbum *Plunct, Planct, Zuum* de 1983.

Nota-se que o autor destaca uma importante atribuição do (a) educador (a) que vai além do ensinar, que é o de plantador (a) de sorrisos e mediador (a) de sonhos.

O estágio me proporcionou uma rica experiência com a docência, mais do que isso, me fez enxergar a magia do outro, da troca, da construção conjunta, do dinâmico processo de ensino/aprendizagem. Não há uma fórmula pronta para tornar-se professor (a), para ensinar, para aprender. O ser humano é singular e por isso, não é possível seguir um roteiro. Estamos em constante busca, aprendizado, evolução. Para Freire (1996, p. 29) na verdade, o ‘inacabamento’ do ser ou sua ‘inconclusão’ é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.

De acordo com Barreiro e Gebran, (2006, p.20) “o estágio [...] pode se construir no lócus de reflexão e formação da identidade ao propiciar embates no decorrer das ações vivenciadas pelos alunos, desenvolvidas numa perspectiva reflexiva e crítica, desde que efetivado com essa finalidade”.

A articulação entre vivenciar e estudar a prática docente configura uma importante ferramenta para a construção da autonomia do docente. A experiência do estágio proporciona ao futuro docente, um momento de arriscar, de investigar, de articular, de inventar e reinventar-se na sala de aula. Pimenta e Lima (2004, p.34) apontam para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos (as) professores (as), dos (as) alunos (as) e da sociedade.

Kulcsar (1991, p.65) afirma que o estágio não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente, mas sim como uma ação prática, dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de possibilidades de abertura para mudanças. Desse modo, o período do estágio torna-se uma oportunidade enriquecedora para a formação docente do indivíduo, possibilitando uma busca pela sua autenticidade e de enxergar sua formação como viabilidade de contribuir para a vida do ser educando (a), sendo um (uma) mediador (a) de transformações, mudanças. Paulo Freire (1996, p.6) contribui com esse pensamento:

É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de suas destrezas, e por que não dizer também de quase obstinação com que falo do meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que saio e a que volto com o gosto de quem a ele se dá pela primeira vez. Daí a criticidade permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia.

O autor critica a formação docente puramente como desenvolver as habilidades dos (das) educandos (as), ensinar vai muito além, é assumir a responsabilidade de ser um

mediador (a) de conhecimentos, descobertas, é promover em seus (suas) educandos (as) uma constante leitura do mundo respeitando suas individualidades, fazendo-o (a) perceber, que o ser crítico é a libertação de um sistema imposto na sociedade. É jamais coibir dentro de si o olhar para educação como libertadora e transformadora. Deve-se discutir, pensar soluções, propô-las e questioná-las, devemos indagar o processo social, o sistema, a educação, o modo de se educar, enfim devemos desejar as mudanças e fazer parte delas.

ENSINAR É FAZER ESCOLHAS METODÓLOGICAS

O estágio no curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal Uberlândia inicia-se no 5º período com a disciplina estágio supervisionado I e encerra no 7º período com o estágio supervisionado III.

Para a realização do presente trabalho, os participantes da pesquisa foram a turma de estágio supervisionado I de licenciandos (as) do curso de Ciências Biológicas que optaram pelo grau de Licenciatura. Portanto, os (as) alunos (as) que ingressaram nesta modalidade já eram cientes que a sala de aula seria uma realidade dentro do curso.

Inicialmente entrei em contato com a professora responsável pela disciplina de estágio. Já a conhecia e havia trabalhado com a mesma no PIBID. Este foi um fator positivo, pois a professora mostrou-se solícita a colaborar e eu já conhecia seu trabalho como docente. Feito isso, combinei com a professora as datas para minha intervenção e acompanhamento dos estagiários (as).

Este acompanhamento teve como intuito investigar as expectativas iniciais dos (as) estagiários (as) quando iniciaram o estágio, se as expectativas foram atendidas ao final da disciplina e de que forma foram afetados (as) pela experiência docente.

O primeiro contato com a turma de estágio aconteceu em uma conversa informal, no qual me apresentei, contei sobre a minha experiência no estágio e os motivos pelos quais me levaram a investigar este processo. Diante disso os (as) convidei a fazerem parte da minha monografia e todos (as) se mostraram solícitos (as) a colaborar com o projeto.

Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista em grupo focal com os (as) estagiários (as) no período que antecede sua intervenção em sala de aula. Este método de coletas de dados é uma técnica para pesquisas qualitativas proposta originalmente pelo sociólogo Robert King Merton que tem como finalidade extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo sentimentos, opiniões e reações que resultariam em um novo conhecimento. Segundo Albuquerque (2005, p. 281)

As entrevistas de grupo focal oferecem ao investigador versatilidade e uma variedade de alternativas para coleta de dados. Como se trata de uma técnica de investigação que aproxima investigador e sujeitos da pesquisa, o grupo focal permite ao investigador uma certa flexibilidade na condução da entrevista e maior aproximação com os dados coletados. Em outras palavras, o investigador pode checar as informações in loco, ou seja, no momento que são oferecidas pelos informantes.

Portanto, segundo o autor, a entrevista em grupo focal é uma técnica de coleta de dados que enriquece a pesquisa devido a possibilidade de oferecer ao (a) pesquisador (a) uma aproximação com o objeto de estudo, sendo capaz de analisar em tempo real, reações, sentimentos e atitudes dos sujeitos que constituirá a sua pesquisa. Havia dez licenciandos (as) para realização do grupo focal, sentamos em círculo numa mesa e todos (as) já estavam cientes do que aconteceria nos próximos momentos. As perguntas foram pré-estabelecidas e os (as) alunos (as) não tiveram contato prévio com as mesmas.

Dois meses após a realização do grupo focal os (as) estagiários (as) dividiram-se em grupos e passaram por um período de elaboração e execução de suas atividades na escola. Os temas desenvolvidos foram, agroecologia, mitos e verdades sobre os animais, desastres ambientais, plantas na alimentação e *pokémons* e o ensino de Ciências. Cada grupo ficou livre para a escolha do tema e metodologia da atividade.

Após esse período os (as) estagiários (as) participaram da última etapa da pesquisa, que foi responder ao questionário com as seguintes perguntas: *Escreva abaixo como foi a experiência da intervenção para você. Como se sentiu frente a primeira experiência docente? Quais sentimentos vivenciados? Suas expectativas foram atendidas?*

Durante o grupo focal os (as) estagiários (as) foram instruídos (as) que não havia ordem para responder as perguntas, assim que fossem feitas, qualquer um (uma) poderia iniciar e os (as) outros (as) quando se sentissem a vontade continuariam a responder. Para todas as seis perguntas feitas não foram todos (as) que responderam, os números de respostas variam de pergunta a pergunta.

Os (as) estagiários (as) estavam atentos (as) e interessados (as) a ouvirem o que o (a) outro (a) tinha para contar, puderam nessa experiência descobrir o que outros (as) estagiários (as) sentiram, o motivo de algumas escolhas, suas experiências e expectativas.

A transcrição do áudio foi realizada por etapas, a cada pergunta me atentava à voz de cada estagiário (a) para que as outras respostas dadas pelo (a) mesmo (a) recebesse o mesmo nome fictício⁶. O processo foi longo e minucioso para que não houvesse perda de informações

⁶ Utilizarei ao longo do texto os seguintes nomes fictícios para representar os sujeitos da minha pesquisa: Laura, Marisa, Pedro, Janice, Luís, Karine, Vanessa, Debora e Larissa.

enriquecedoras para o trabalho. Com este encontro procurei compreender como o estágio é esperado, quais expectativas frente a experiência docente e como lidam com estes sentimentos.

Como a pesquisa permeia o campo da subjetividade, não tenho a pretensão de estabelecer padrões, já que as emoções se dão no movimento do encontro. Cada reposta dada pelos estagiários (as) são únicas, carregadas de sentimentos vivenciados por cada um (uma). Procurei então, perceber estes sentimentos através da realização do grupo focal.

ENSINAR É LICENCIAR

A primeira pergunta “como se deu a escolha pela licenciatura?” foi elaborada devido a mudança de currículo do curso de Ciências Biológicas que separa o Bacharelado da Licenciatura. Procurei, então, investigar o (s) motivo (s) que os (as) levaram a escolha deste grau. É possível perceber pelas falas relatadas que muitos (as) deles (as) optaram pela Licenciatura pelo desejo *a priori* de serem professores (as).

“Eu pretendo fazer bacharel depois, quando terminar, mas eu escolhi licenciatura porque eu realmente quero ter essa vivência. Eu quero ser professora.” (Laura)

“Antes de escolher eu pesquisei e vi que com a licenciatura você podia fazer pesquisa, então foi por aí que escolhi, aí nas aulas de licenciatura eu tomei gosto por dar aula. É isso que vou seguir sim.” (Marisa)

“Eu sempre tive vontade de seguir a carreira de docente, gosto muito da área da licenciatura muito antes de entrar para o curso. Possivelmente se eu fizer bacharel é só pra complementar currículo, porque a área do bacharel não me agrada tanto quanto da licenciatura.” (Pedro)

“Eu sempre tive muita vontade de ser professora, tanto por uma forma de retribuir essa formação que to ganhando gratuita para sociedade de alguma forma, mas também porque sempre achei muito bacana... eu sou muito carente e acho que os meninos também são, seria bacana a gente se complementar.” (Janice)

Em sequência gostaria de perceber como o estágio é esperado pelo (a) licenciando (a) permeando o campo das emoções, sentimentos e afetos. Apesar do estágio ser preenchido por várias leituras, reflexões e discussões sobre a formação docente, que se faz necessário, não é

comum ser um espaço que se discute o estagiário (a) como um ser no campo das emoções. Fazendo-se o movimento a priori de descoberta do próprio ser professor (a), as questões subsequentes tornam-se algo mais prazeroso.

ENSINAR É ESPERAR O ESTÁGIO

De acordo com Coelho (2006, p. 51), os cursos de graduação que formam professores (as) desempenham um papel de fundamental importância, pois formam pessoas que devem ser autônomas na busca do saber, buscando a formação integral do ser humano, formando licenciados (as) com um espírito de constante interrogação a respeito do mundo, do homem, da cultura, da educação e da escola, ultrapassando o imediatamente dado e buscando ampliar a reflexão sobre o mundo.

“Foi a disciplina que eu esperei o curso inteiro para fazer, a mais esperada, que eu mais quis, mas tenho a impressão que o estágio é uma coisa muito idealizada, quando a gente for dar aula mesmo, vai ser completamente diferente.” (Laura)

“Eu não sabia o que esperar, você pode chegar e tanto ser bem recebida, mal recebida, pelos professores, pela escola, pelos alunos, em uma palavra definiria medo.” (Marisa)

“Tenho medo de não conseguir fazer a turma gostar do que estou falando, é uma preocupação como fazer isso, mas espero mais positivamente que negativamente.” (Janice)

“Eu acho que entra no papel de amadurecimento, porque você vai sair do papel de aluno, se tornando professor, o estágio é aquele momento que você vai abandonar uma pessoa que era dentro da sala para ser referência e levar outras pessoas a pensar.” (Luís)

“Eu espero de forma muito ansiosa para dar aula, é uma coisa que sempre gostei e esperei desde que entrei no curso. Não tenho tanto medo e insegurança.” (Pedro)

A disciplina de estágio é muito esperada pelos (as) estagiários (as), um misto de sentimentos como medo, ansiedade e vontade permeia o processo de espera pelas primeiras experiências no campo docente. Dessa forma, o estágio desempenha um papel importante na formação do (a) futuro (a) professor (a), a maneira com que o mesmo passará por esta disciplina pode influenciar os seus caminhos na Educação.

Segundo Barreiro e Gebran (2006, p. 20) o estágio faz parte da construção da identidade na formação docente desde que seja feito de forma reflexiva e crítica. Acredita-se que assim deve caminhar o período de estágio, no qual professores (as) e alunos (as) desenvolvam juntos uma relação dialógica a fim de proporcionar reflexões, leituras e discussões que ajudarão na construção da identidade docente.

Barreiro e Gebran (2006, p. 22) dizem que “a aquisição e a construção de uma postura reflexiva pressupõe um exercício constante entre a utilização dos conhecimentos de natureza teórica e prática na ação e a elaboração de novos saberes, a partir da ação docente”. Pimenta e Lima (2004, p.34) destacam que o estágio é a parte prática dos cursos de formação de profissionais e que muitos cursos, na sua grade curricular, dão ênfase a um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem articular a teoria e a prática, como saberes que se complementam. Este é um dos motivos pelo quais o estágio é tão aguardado pelos (as) licenciandos (as). É o momento que poderão associar a prática muito do que leram em disciplinas teóricas.

De acordo com Carvalho e colaboradores (2003, p. 223), no projeto pedagógico de um curso de licenciatura, a prática como componente curricular e os estágios supervisionados devem ser vistos como momentos singulares de formação para o exercício de um (uma) futuro (a) professor (a). Os (as) autores (as) reforçam o quanto o momento do estágio é único na vida acadêmica do (a) professor (a) em formação. Assim sendo a disciplina de estágio é fundamental para a conclusão de um processo de formação, é neste momento que muitos (as) alunos (as) da graduação terão o primeiro contato docente. Entretanto, alguns já buscam vivenciar esta experiência em programas institucionais que proporcionam esta vivência anteriormente ao período do estágio, como o PIBID.

ENSINAR É APRENDER A OBSERVAR

Uma importante etapa do processo do estágio é a observação de aulas que antecede o período de intervenção docente. O período de observação é enriquecedor para o (a) estagiário (a), é um momento que pode se começar a traçar um perfil docente do que pretende ser. Durante o grupo focal os (as) estagiários (as) contaram o que puderam perceber neste período e muitos se questionaram como gostariam de ser dentro de sala após esses momentos vivenciando a prática de outrem.

A observação de aulas viabiliza o desenvolvimento didático-pedagógico e o amadurecimento do pensamento crítico-reflexivo. É um momento que se observa também uma divergência de ações com teorias discutidas. Reis (2011, p 11) reforça que a observação

desempenha um papel fundamental na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, constituindo uma fonte de inspiração e motivação. Nesta pergunta, procurei investigar o que sentiram durante o período de observação.

“Depende, algumas salas você sente vontade de já começar e em outra você pensa: Meu Deus não consigo, não vai dar.” (Janice)

“Na aula que assisti eu assustei muito, duas meninas começaram a brigar, porém, na segunda turma foi tranquilo.” (Marisa)

“O que me marcou foi a diferença de comportamento dos alunos de uma aula para outra. Pareciam turmas completamente diferentes, agindo de forma diferente. Você observa e pensa: como eu quero ser?” (Laura)

“Percebi por mais que seja uma escapatória mais segura dar aulas tradicionais, as vezes ela não funciona. Algumas aulas os professores mudavam o formato da sala, sentavam em grupo, passavam músicas... era completamente diferente de quando sentavam em filas naquela hierarquia.” (Pedro)

“ Eu percebi que falta comunicação entre professores e alunos. O que mais me afetou foi ver que não tem uma parceria entre eles.” (Karine)

Nas repostas do grupo focal os (as) estagiários (as) apontaram algumas questões importantes que puderam perceber na observação, como a diferença de comportamento da sala de aula de acordo com o (a) professor (a) presente. Essa diferença de comportamento explicita a forma de relacionar se entre professor (a)-aluno (a), segundo Tassoni (2000, p.3) é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem. Não digo que o comportamento da sala é exclusivamente fator responsável do docente, porém o mesmo tem uma grande parcela de responsabilidade no grau de afetividade e confiança de sua relação com os (as) alunos (as). Para Vasconcelos e colaboradores (2005, p.3) as relações afetivas que o (a) aluno (a) estabelece com os (as) colegas e professores (as) são de grande valor na educação, pois a afetividade constitui a base de todas as relações da pessoa diante da vida.

Assim como a falta de comunicação, outro apontamento feito durante a coleta de dados é decorrência da maneira com que se estabelece a relação professor (a)-aluno (a). Dentro deste contexto Vasconcelos e colaboradores (2005, p.5) complementam dizendo que o (a) professor (a) deve possuir habilidade ao utilizar a sua autoridade na sala de aula, pois o modo pelo qual demonstra o poder que possui contribui para sua eficiência. A prática

educativa em que inexistente a relação coerente entre o que a educadora diz e o que ela faz é, enquanto prática educativa, uma incoerência.

Freire (1987, p. 91) em sua obra ressalta a valorização do diálogo nas relações dentro de sala de aula

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

APRENDER É ASSUSTAR COM A REALIDADE

Uma questão levantada ainda sobre o período de observação que me chamou bastante a atenção e que pude perceber que afetaram de maneira significativa os (as) estagiários (as) foram as situações delicadas que ocorreram em sala de aula. A professora desconfiando do aluno mexendo na sua bolsa, a aluna que pediu para sair mais cedo para buscar os filhos na escola, o autoritarismo exacerbado, situações essas que indignaram os (as) estagiários (as).

“O que mais me afetou foi um dia em que uma professora chegou nos estagiários e falou: “Nem tenta, esse aluno já está perdido, ele não sabe ler nem escrever e eu não estou aqui para alfabetizar ninguém” Fiquei pensando em como temos que adaptar a realidade.” (Janice)

“O que me marcou negativamente foi uma briga dentro de sala aonde a coordenadora chegou humilhando a menina e positivamente foi que a professora parou a aula e falou sobre o ocorrido, mais importante que o conteúdo é formar pessoas. Me afetou o carinho da professora.” (Laura)

“Me afetou o carinho dos alunos com a gente, logo já nos chamou de professoras (as).” (Karine)

“Me afetou a fala de uma menina no final da aula pedindo para sair mais cedo para buscar seus filhos, era uma turma de 8º ano.” (Pedro)

A fala de Pedro foi complementada por Janice:

“Eles contam histórias de vida muito pesada de forma naturalizada e isso assusta um pouco.”

“Me afetou um episódio em que uma professora esqueceu a bolsa na sala e um aluno ao devolvê-la foi perguntado se tinha aberto a bolsa.” (Vanessa)

A fala deles me remeteu a algumas situações parecidas que vivenciei no meu estágio que também me afetaram profundamente. Ouvia da professora regente que determinado aluno era fraco, que precisava ser cautelosa com outro, pois, segundo as concepções da mesma o aluno era perigoso. Ouvi certa vez para não deixar a bolsa exposta na mesa do professor. Esses pré-conceitos que a professora possuía dos seus alunos me deixou assustada e despertou em mim um sentimento de confiança e vontade de mostrar que aqueles alunos só eram vítimas de um sistema e que apenas precisavam de um voto de confiança, de um apoio, um conselho.

Segundo Hargreaves (1977, p.276), existem dois fatores que podem determinar a relação entre professor (as) e alunos (as). O primeiro fator está relacionado à importância que o (a) aluno (a) atribui à opinião que o (a) professor (a) tem sobre ele (a), quanto maior for a importância e significativa, maior será a probabilidade de que lhe afete e o segundo fator refere-se ao conceito que o (a) aluno (a) tem de si mesmo e de sua própria capacidade. Assim sendo procurei oferecer atribuições a esses alunos ditos fracos e perigosos, para que pudessem sentir úteis e capazes.

O resultado foi surpreendente, o comportamento em sala de aula desses alunos foram melhorando a cada aula, as notas aumentaram significante comparado as anteriores, pediam para que os colegas de turma fizessem silêncio e mostravam se solícitos para me ajudar nas atividades. Pude então perceber que o (a) professor (a) tem grande poder de transformação da realidade posta, basta estar disposto a enxergar diferente esse espaço em toda sua complexidade, com comprometimento, amor e vontade de estar, de mudar, de fazer a diferença.

ENSINAR É APRENDER A TER MEDO

Após o período de observação de aulas começa o processo de planejamento para intervenção, perguntei aos (às) estagiários (as) quais eram as expectativas para as primeiras intervenções como docentes.

“Medo. Sou vergonhosa.” (Janice)

“Medo de não fazerem prestar atenção.” (Debora)

“Medo de não conseguir passar o conteúdo, eu lembrei muito de como era no ensino fundamental e como não faz tanto tempo assim, sabemos do que eles gostam.” (Karine)

“Ansiedade. Quero muito ter esse primeiro contato, mais dá um pouco de medo.” (Laura)

A palavra medo apareceu em todas as respostas. Os (as) estagiários (as) antecedem este momento do curso com receio, temor, e, portanto ficam apreensivos (as) quando chegada a hora. Porém o curso de licenciatura prepara o (a) acadêmico (a) ao longo do curso com diversas disciplinas que teoricamente deveriam deixá-los (as) mais preparados (as) e seguros (as) em sua prática docente. Este seria o momento de colocar em prática todo o aprendizado adquirido e testá-los. “O Estágio permite a integração da teoria e da prática o encontro do geral com o particular, do conceitual com o concreto, do virtual com o real” (ANDRADE, 2004, p.2).

É um período de importante reflexão sobre a prática. “O estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade” (PIMENTA e LIMA, 2004, p. 45). Talvez parte do medo sentido pelos (as) estagiários (as) seja a distância da teoria e prática no decorrer do curso, sendo que a prática só é vivenciada pelas disciplinas de estágios.

APRENDER A TER INCERTEZAS

Após saber dos (as) estagiários (as) quais as expectativas diante a experiência docente procurei investigar o que gostariam e o que não gostariam e vivenciar neste período.

“Não gostaria de vivenciar entrar numa sala e ver um aluno com dificuldade e não conseguir fazer nada seria a coisa mais frustrante para mim. E o que eu gostaria era ter uma sala inclusa apesar de toda diversidade.” (Laura)

“Não gostaria que mesmo me dedicando não desse conta. Gostaria que os alunos gostassem das aulas.” (Karine)

“Não gostaria que não houvesse o retorno dos alunos diante minha dedicação, isso me frustraria muito. Espero me confirmar mais uma vez em ser professora.” (Janice)

“Não gostaria de entrar em sala e eles não me levarem a sério.”
(Larissa)

“Gostaria que todo dia entrasse em sala e me animasse com a profissão e desenvolver coisas diferentes. Não gostaria de adotar 100% o método tradicional.” (Pedro)

A maior preocupação dos (as) estagiários (as) foi não conseguir a atenção e reconhecimento de seus esforços perante seus (suas) alunos (as), o que foi explicitado pelas falas das estagiárias Karine, Janice e Larissa. Este receio é compreensível, visto que os (as) estagiários (as) chegam a escola com os conhecimentos adquiridos pela Academia prontos a serem colocados em prática em um ambiente dinâmico, diante de alunos (as) ansiosos (as) pela chegada dos (as) estagiários (as). O desejo de acertar e darem o seu melhor é presente entre todos os (as) estagiários (as) fazendo com que aumentem a ansiedade e cobrança de si mesmos (as).

A fala da Laura me chamou a atenção quando diz não desejar encontrar um (a) aluno (a) com dificuldades e não conseguir fazer nada pelo (a) mesmo (a). Michels (2006, p. 407) diz que sua formação (docente) deve adquirir caráter prático e instrumental. E uma das tarefas destinadas a esses sujeitos é a inclusão dos (as) alunos (as) que historicamente foram excluídos da escola.

O desejo de não adotar totalmente o método tradicional apareceu na fala do estagiário Pedro. É importante para o (a) professor (a) em formação refletir sobre suas práticas, para que se torne um hábito em seu exercício. O estagiário quando diz não querer adotar totalmente um método de ensino exercita a analisar sua metodologia, fazendo com que esteja sempre atento às suas ações em sala de aula. “A reflexão sobre o seu ensino é o primeiro passo para quebrar o ato de rotina, possibilitar a análise de opções múltiplas para cada situação e reforçar a sua autonomia face ao pensamento dominante de uma dada realidade” (ALARCÃO, 2005, p. 82-83). Cardoso (2002, p. 2) corrobora com a autora quando diz que a prática reflexiva é a busca de um equilíbrio entre o ato de rotina e o ato de reflexão.

Por fim, termino a análise do grupo focal com a fala da Janice: *“Espero me confirmar mais uma vez em ser professora.”* Assim considero o estágio como uma etapa de confirmação, corroboração dos anseios de serem professores (as).

O grupo focal permitiu a percepção de sentimentos e expectativas que foram capturados a partir da fala dos (as) estagiários (as), permitiu visualizar que o (a) professor (a)

em formação é permeado de emoções, visto que a docência não desassocia do campo dos sentimentos. Assim, Freire (1996, p.146) contribui com essas percepções salientando

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual.

O período do estágio deve, portanto, ser visto como uma prática humana. E assim sendo uma prática que envolve sentimentos e afetamentos. Portanto, tratar esses sentimentos dentro do espaço formativo, torna-se uma pista importante para os cursos de licenciatura.

ENSINAR É ASSUMIR A DOCÊNCIA

Para realização do questionário havia nove estagiários (as) que anonimamente responderam as perguntas. Para compreensão trago alguns recortes das respostas. Do total respondido dois relatam não ter tido uma boa experiência docente e questionam-se quanto ao futuro profissional. Lembrando que as perguntas foram: *Como se sentiu frente a primeira experiência docente? Quais sentimentos vivenciados? Suas expectativas foram atendidas? Escreva abaixo como foi a experiência da intervenção para você.* Os trechos apresentados abaixo se referem a depoimentos distintos.

“Tinha expectativa muito alta, pois sempre quis ser professora, amei as crianças, muito carinho por eles. Contudo, foi uma das experiências mais frustrantes da minha graduação, me fez repensar se realmente quero a docência.”

“Talvez pela construção escolar, pela turma ausente, pelos clichês nas salas dos professores eu não quero por hoje assumir a docência como profissão. Foi cansativo levar uma turma nas costas com a escola desmotivando. Eu não quero assumir a docência, pois quando coloco na balança, as coisas ruins que pesam são maiores que as positivas. Parece que as construções escolares são todas iguais, burocráticas.”

Os depoimentos acima reforçam o quanto o período do estágio influencia decisões futuras, pois é um momento de vivenciar na prática a profissão docente. Externar essas vivências e refletir sobre elas é importante para saber lidar com as frustrações durante o processo de formação inicial. A fala dos (as) estagiários (as) é preocupante quando atentamos que o curso em questão é estritamente Licenciatura, qual será o futuro desses (as) estudantes? Ter um espaço no estágio em que eles (as) possam compartilhar o que estão sentindo pode ajudá-los (as) a entender seus questionamentos.

Tendo em vista um curso de Licenciatura, que irá formar professores (as), é necessário que haja espaço para diálogo sobre suas experiências docentes, pois este período é uma preparação para a vida profissional. Se o (a) estudante sai frustrado, desmotivado desta experiência, como o (a) professor (a) responsável do estágio ajudará a lidar com esses sentimentos? Há espaço para que o (a) estagiário (a) externalize o que sente? Estes questionamentos fazem-se necessário diante dos depoimentos apresentados nos questionários acima.

Os cursos de formação inicial de professores (as) não devem limitar-se a preparação técnica do ser professor (a), ensinando apenas o planejamento de aulas, didática, metodologias de ensino, aprendizagem dos (as) alunos (as) entre outros. Mas também, atentando-se para sua personalidade, compreendendo o (a) professor (a) como um indivíduo em sua totalidade o que destaca Martins (2007, p.22) como importância do processo de personalização do (a) professor (a) para sua atividade de educador (a). Sendo assim os (as) estagiários (as) que relataram suas frustrações na experiência docente evidenciam uma atenção peculiar da professora responsável pela disciplina de estágio, no sentido de balizar os atravessamentos promovidos pelo mesmo.

ENSINAR É EXPERENCIAR

Todas as demais respostas dos questionários trazem outra visão quanto a experiência docente.

“Minha experiência docente foi muito boa e ao mesmo tempo marcante, a amizade com os alunos e as primeiras aulas foram experiências que nunca esquecerei e ficarão sempre na memória, me senti muito bem com um ânimo enorme e feliz por estar ali, mesmo com as dificuldades e problemas enfrentados, dar aula me anima muito e sei que é por este caminho que quero seguir.”

“Posso afirmar que minha primeira experiência docente foi muito proveitosa e impactante, além de ser repleta de desafios e surpresas.”

“Os sentimentos foram extremamente positivos, me senti satisfeita e realizada com o meu trabalho e com o desempenho dos alunos, para além do lado afetivo que me tocou muito.”

“A minha experiência como docente foi incrível, pois foi um retorno na escola de forma diferente, onde deixei de ser aluno para ser professor, isso foi um amadurecimento muito bom para mim, tanto na vida pessoal quanto profissional.”

“É inevitável mencionar que experiências como estas são de grande valia para um licenciando, principalmente para a reflexão se é isso mesmo que queremos ser futuramente. Minhas expectativas foram atendidas, visto que aquela turma inicialmente tímida, ao ser instigada, provocada, motivada, fez e se envolveu.”

“Sem dúvida, minha primeira experiência como docente foi muito gratificante e enriquecedora para minha formação e para a preparação para os próximos estágios.”

“Meus sentimentos foram de muita alegria, amor e vi que estou no lugar certo, porque para mim estar ali foi 10.”

Os relatos positivos demonstram o quanto o estágio é passível de ser uma experiência única, animadora, transformadora, capaz de mobilizar os sujeitos no processo de aprendizagem, direcionando-os para um olhar mais afetuoso e amoroso. A realidade posta para o (a) professor (a) é carregada de dificuldades e desafios, porém, é possível de ser belo, encantador, transpondo trocas, aprendizados e afetos. Rubem Alves (1994, p.4) contribui com esta percepção quando diz que ensinar é um exercício de imortalidade. “De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais”...

ENSINAR É PERGUNTAR

O trabalho propôs investigar o campo dos sentimentos de estagiários (as) frente a primeira experiência docente. Esses (as) demonstraram diferentes expectativas frente a intervenção: medos, ansiedades, vontades, apareceram em suas falas. Após a experiência deles (as) os sentimentos revelam otimismo ou não, demonstrando o quanto o período do estágio é promotor em suscitar sentimentos variados. Assim sendo, é importante para os estagiários (as) que suas questões emotivas não sejam apagadas neste período de formação, pois muitas vezes, é neste momento que escolhem seguir ou não a profissão docente. Os cursos de formação inicial de professores (as) precisam trabalhar a formação docente em sua totalidade, não desvencilhando o ser profissional da essência do ser. Os resultados da pesquisa nos leva a questionar como os estágios docentes estão sendo trabalhados nas Licenciaturas: existe um espaço para se trabalhar o campo afetivo dos (as) estagiários (as)?

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, p. 82-83, 2005.
- ALBUQUERQUE, G. A. **Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal**. EccoS Revista Científica, v. 7, n. 2, p. 275-290, 2005.
- ALVES, R. **Alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Portica, p. 4-15, 1994.
- ANDRADE, A. A. M. **O estágio supervisionado e a práxis docente**. A comissão organizadora do II seminário de formação de professores. Natal, 2004, p.2.
- BARREIRO, I. M. F. e GEBRAN, R. A. Prática de ensino: elemento articulador da formação do professor. In: BARREIRO, I. M. F. e GEBRAN, R. A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- CARDOSO, C. A. **Formação crítico-reflexiva: a relação teoria e prática**. Integração: ensino, pesquisa, extensão, ano VIII, nº 30, agosto de 2012.
- CARVALHO, D.F; ORMENEZI, I; GONCALVES, M.S. **As primeiras experiências docentes narradas numa perspectiva transformadora**. Laplage. Sorocaba, vol. 2, n.2, p. 86-100, 2016.
- CARVALHO, L. M. C.; DIAS-DA-SILVA, M.H.G.F. PENTEADO, M.; TANURI, L. M.; LEITE, Y.F. e NARDI R. **Pensando a licenciatura na UNESP**. Nuances: estudos sobre educação, Presidente Prudente, ano 9, n.9/10, p. 211-232, 2003.
- COELHO, I. M.. **Universidade e formação de professores**. In: GUIMARÃES, V.S. (Org.). Formar para o mercado ou para a autonomia? O papel da Universidade. Campinas, SP: Papirus, 2006.
- DELEUZE, G. **O Abecedário de Gilles Deleuze: entrevista [novembro,1994]**. França: canal (franco-alemão) de TV Arte. Entrevista concedida a Claire Parnet.
- DELEUZE, G. (2000). **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. __. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Editora, 34.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, p.107, 1987.
- HARGREAVES, A. **Os professores em tempo de mudança: o trabalho e a Cultura dos professores na idade pós moderna** Alfragide, Pt.: McGraw Hill, 1977.
- KULCSAR, R. O estágio supervisionado como atividade integradora. In PICONEZ, B. C.S (Coord). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papirus, 1991. p 63-73.
- MARTINS, L.M. **A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano**. Campinas, SP: Autores associados, 2007.

MILCHELS, M. H. **Gestão, formação docente e inclusão:** eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar. In: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.11, n. 33, set./dez., 2006, p. 406-560.

PIMENTA, G. S; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

REIS, P. **Observação de Aulas e Avaliação do Desempenho Docente.** Ministério da Educação – Conselho Científico para a Avaliação de Professores .Lisboa, 2011.

SMOLKA, A. L. B. & GÓES, M. C. (orgs.). **A linguagem e o outro no espaço escolar:** Vygotsky e a construção do conhecimento. 12ª Edição. São Paulo: Editora Papirus, p.151, 2008.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno.** Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas: ANPED, 2000. p. 1-17.

VASCONCELOS, A. A.; SILVA, A.C.G.; MARTINS, J. S.; SOARES, L.S. **A presença do diálogo na relação professor-aluno.** In: V Colóquio Internacional Paulo Freire, Recife, 2005.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze.** Rio de Janeiro, p. 24, 2004.